

POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO DOS SERES HUMANOS A PARTIR DA LEITURA DE NARRATIVAS LITERÁRIAS

Amanda Dörr¹

Eunice Terezinha Piazza Gai²

RESUMO

O artigo reflete sobre o poder transformador da narrativa. Para realizar este estudo, foram escolhidas as obras *Vozes do Deserto*, de Nélide Piñon, e *Terra sonâmbula*, de Mia Couto. A primeira reconta a história da princesa Scherezade, de *As mil e uma noites*. O Califa é um ser amargurado desde a traição de sua esposa; após o ocorrido, matou a esposa e o amante e decidiu que a cada noite passaria com uma esposa e, em seguida, a mataria. Até que surge a princesa que o transforma em um homem mais humanizado através das narrativas que lhe conta. Já a obra de Mia Couto narra a trajetória do velho Tuahir e do jovem Muindinga, que estão tentando sobreviver em um período difícil, o pós-guerra. Encontram um diário, os cadernos de Kindzu, e essa leitura faz com que eles esqueçam todas as dores, fome, sede e frio. O trabalho investiga como ocorrem essas transformações em dois romances e está organizado da seguinte forma: primeiro apresentamos a obra *Vozes do deserto* e considerações sobre a vida da autora; em seguida, o conto moldura de *As mil e uma noites*, a obra *Terra sonâmbula* e vida e obra de Mia Couto. Por fim, mostramos as conclusões desse estudo.

Palavras-chave: Narrativa. Transformação. Conhecimento.

ABSTRACT

The article reflects on the transformative power of the narrative. To accomplish this study were chosen the literary works *Vozes do Deserto*, by Nelida Piñon, and *Terra sonâmbula*, by Mia Couto. The first one retells the story of Princess Scheherazade from *As mil e uma noites*. The Caliph is an embittered human being since the betrayal of his wife; after the fact, he killed both wife and lover and decided to spend every night with a different wife and then, kill her. Until the moment that comes the princess who turns him into a more humanized man through the narratives she tells him. Whereas the work by Mia Couto tells the trajectory of the old Tuahir and the young Muindinga who are trying to survive in a difficult period, the post-war period. They find a diary, the notebooks of Kindzu, and this reading makes them forget all the pain, hunger, thirst and cold. The work investigates how these transformations occur in the two novels and is organized as follows: first, we present the literary work *Vozes do deserto*, as well as considerations about the author's life; then, the short story frame *As mil e uma noites*, the literary work *Terra sonâmbula* and also life and work of Mia Couto. Finally, we show the conclusions of this study.

Keywords: Narrative. Transformation. Knowledge.

¹ Acadêmica do Curso de Letras e Bolsista de Iniciação Científica PIBIC – CNPq na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) - Universidade de Santa Cruz do Sul. <amandadorr1@gmail.com>

² Doutora em Letras e Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). <piazza@unisc.br>

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo é decorrente de nossos estudos realizados como bolsistas de iniciação científica de um grupo de pesquisas literárias dedicado às narrativas contemporâneas. As pesquisas do grupo buscam estabelecer as principais tendências da narrativa contemporânea (romances), no que diz respeito à perspectiva estética mais ampla, considerando os principais temas e as problemáticas abordadas. Vale-se da hermenêutica para elaborar a interpretação das obras selecionadas.

Consideramos que os seres humanos vivem em um mundo cheio de inquietações e incertezas e estão sempre em busca de encontrar a si mesmos e procurar respostas para seus conflitos pessoais, culturais, entre outros.

Vemos a leitura de narrativas como um auxílio na busca de um conhecimento interior, uma vez que a leitura, como uma ação interpretativa, permite também uma autointerpretação. Acreditamos que a ação de interpretar possibilita a ampliação dos conhecimentos sobre o ser humano e, também, sobre a forma de ver o mundo e a si mesmo.

Procuramos trazer, com este trabalho, reflexões acerca da leitura de narrativas, a partir dos estudos realizados no âmbito do projeto de pesquisa. O trabalho se enquadra na linha de pesquisa “Texto, subjetividade e memória”, do Departamento e do Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), cujo objetivo é a articulação da leitura a processos cognitivos e suas relações com a subjetividade e a memória.

O livro *Vozes do deserto*, de Nélide Piñon, recebeu os prêmios Jabuti de Literatura e Príncipe de Astúrias de Letras, ambos em 2005. E *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, ganhou o Prémio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos (1995) e foi considerado um dos doze melhores livros africanos do século XX por um júri criado pela Feira do Livro do Zimbábwe.

A organização do trabalho é feita da seguinte maneira: um resumo da obra *Vozes do deserto*, a apresentação do conto-moldura de *As Mil e uma noites*, resumo da obra *Terra sonâmbula*, aspectos da vida e obra do autor Mia Couto. Por fim, apresentamos um estudo conclusivo sobre as questões abordadas no trabalho e, também, acerca da ideia central do mesmo, ou seja, o papel transformador da narrativa e da leitura. Assim, pretendemos mostrar que a literatura tem um papel relevante na vida do indivíduo, na sua configuração psicológica e por ser capaz de humanizá-lo.

2 VOZES DO DESERTO

O romance *Vozes do deserto*, de Nélida Piñon, reconta a história de uma famosa narradora, Scherezade, personagem do livro *As Mil e uma noites*. No romance, ela vive no palácio do Sultão, como esposa do mesmo. Este, por ter sido traído pela esposa com um escravo negro, tem como objetivo matar cada uma de suas esposas ao amanhecer. Até que Scherezade e sua irmã têm uma ideia que pode transformar suas vidas e a de todas as outras mulheres do reino.

Assim que Scherezade e sua irmã têm a ideia, o Vizir, seu pai, acha uma loucura. Então começa a protestar, ameaça matar-se a fim de proteger a filha. Mas nada impede que a moça coloque seu plano em prática. Seu pai trabalhava para o reino e sabia do que o rei era capaz.

O Sultão guardara muita mágoa e rancor desde a traição de sua esposa. Desde então, seu comportamento passou por transformações:

Havendo seu comportamento se transformado a partir da traição da Sultana, que lhe infligira severa dor, tudo se podia esperar dele, inclusive a aplicação indiscriminada da pena de morte contra jovens inocentes. E desde o sacrifício da primeira vítima, aliás, deixara de aparar as pontas irregulares da barba, como sinal de luto (PIÑON, 2006, p. 62).

Enfim, casa-se com Scherezade, princesa que, junto de sua irmã Dinazarda, tem o plano de a cada noite contar uma história que prendesse o marido. Assim, no dia seguinte, ele teria interesse em ouvi-la novamente e não a mataria.

Scherezade perdeu a mãe assim que nasceu. Ela e Dinazarda foram criadas pelo pai, por isso a ligação muito forte com ele. Fátima também auxiliou na criação das meninas e é ela quem incentiva Scherezade a não perder o dom de contar histórias.

Dinazarda puxou ao pai, gostava de mandar e ser obedecida. Graças a ela os planos de Scherezade se concretizam. Durante a noite, enquanto Scherezade contava as histórias para o Califa, ela estava sempre ouvindo com atenção. Tinha o intuito de aprender com a irmã.

Grande contadora de histórias, Scherezade sempre soube muito bem amarrar as pontas de suas histórias, sempre reconhecendo o papel da criação da narrativa sobre os humanos.

Mesmo que saiba o que quer, muitas vezes parece exaurida pela função. Então, afasta-se do palácio para descansar e ter novas vivências. Assim, consegue criar novas histórias. Podemos perceber isso ao longo da trama quando o narrador comenta sobre os momentos de recolhimento da personagem. E também quando frequenta o mercado público, fonte importante para sua imaginação. Ali onde há muitas armações, proibições, diversidade

de origens, culturas e costumes. Mas ela não retrata tudo da forma como vê, e sim dá corpo e alma para personagens e histórias. Tem necessidade de organizar muito bem suas narrativas, conhecer as personagens e deixar a história perfeita.

O Sultão, homem de pouca imaginação, se encanta com as histórias que Scherezade lhe conta, está sempre disposto a ouvi-la. Muitas vezes deixa de cumprir suas funções no reino, deixando nas mãos do Vizir, pois confia muito nele:

O Califa distrai-se, parece ausentar-se do palácio. É difícil seguir-lhe a rota. Tem asas, que Scherezade lhe fornece. Custa a desprender-se dos lugares a que vai de visita sob o estímulo da imaginação da jovem, que lhe dá lições diárias (PIÑON, 2006, p. 229).

Também, ele conhece seu povo através das histórias que Scherezade lhe conta, por isso, muitas vezes ele não precisa participar do que acontece em seu reino. No decorrer da narrativa é possível perceber que as histórias da narradora tem um poder de acalmar a dor do Sultão. Ao escutá-la, esquece de todos os momentos ruins, passa a imaginar e sonhar. Consegue se desprender daquele objetivo de vingança.

Desde a infância, Scherezade habituara-se a repetir em voz alta trechos de qualquer história. Com o propósito, talvez, de suavizar os ruídos guturais do idioma, em permanente choque entre si, e isto enquanto ia coletando palavras que fora juntado a esmo. Desta forma, sonhando transformar o que nascera imperfeito, fazia crescer as imagens que o uso poético e a emoção, advindas deste ato, consagravam (PIÑON, 2006, p. 231).

Mas, em certo momento, Scherezade está cansada da rotina. Contar as histórias para o Califa ocupa muito de seu tempo, assim ela deixa de cuidar de sua saúde. Um dia ela fica muito doente, mas é salva pelos preparos de Jasmine, escrava que sabe do plano de Scherezade e Dinazarda e sempre auxilia as duas, é uma verdadeira cúmplice e amiga. A escrava acompanha as narrações de Scherezade e acaba por descobrir que também tem o poder e o dom da narração.

No momento final, Scherezade escolhe Jasmine e Dinazarda como suas sucessoras, as quais nunca deixaram morrer a substância da alma árabe e planeja a fuga do palácio. Quando isso acontece, ela vai ao encontro de Fátima, que mora no deserto, com a certeza de que cumpriu a sua missão.

2.1 A autora

Para realizar a pesquisa, primeiramente elaboramos um estudo sobre a vida e a obra de Nélida Piñon, para melhor compreender a trajetória da autora. Ela nasceu em Vila Isabel,

Rio de Janeiro, dia 3 de maio de 1937. É filha de Lino Piñon Muiños e Olivia Carmen Cuiñas Piñon, espanhóis de origem galega. Seu nome é um anagrama do nome do avô, Daniel.

Formou-se em Jornalismo pela Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro e foi editora e membro do conselho editorial de várias revistas no Brasil e no exterior. Também ocupou cargos no conselho consultivo de diversas entidades culturais em sua cidade natal. Inicia sua carreira com contos, em 1959. Posteriormente, nesse gênero, publica *Tempo das frutas* (1966), *Sala de armas* (1973), *O calor das coisas* (1980), *O cortejo do divino* (1999). Estreou com o romance *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, publicado em 1961, que tem como temas o pecado, o perdão e a relação dos mortais com Deus.

Em seguida, seus romances foram: *Madeira feita cruz* (1963), *Fundador* (1969), *A casa da paixão* (1972), *Tebas do meu coração* (1974), *A força do destino* (1977), *A república dos sonhos* (1984), *A doce canção de caetana* (1987), romance infantojuvenil *A roda do vento* (1996), *O presumível coração da américa* (2002), uma seleção de discursos, e o romance *Vozes do Deserto*, publicado em 4 de março de 2004.

Nélida Piñon é também acadêmica correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Foi eleita, em 27 de julho de 1989, para a Academia Brasileira de Letras, para ocupar a cadeira que tem por patrono Pardal Mallet, da qual se tornou a quinta ocupante. Tomou posse em 3 de maio de 1990 recebida por Lêdo Ivo. Foi a primeira mulher a se tornar presidente, entre 1996 e 1997.

Reconhecida internacionalmente, tendo seus trabalhos publicados para mais de vinte países em dez idiomas, faz com que a literatura brasileira seja apreciada por outros povos.

2.2 O conto - moldura de *As mil e uma noites*

Como a obra que estamos estudando apresenta intertextualidade com o conto-moldura de *As mil e uma noites*, no que diz respeito ao enredo, personagens e narrador, é necessário um estudo do conto. Este já fora traduzido diversas vezes, por isso, podemos perceber que a escrita do nome das personagens nem sempre é igual.

No conto-moldura consta que Chahzaman, rei da Tartária, viaja para visitar seu irmão, Chahriar, rei das Índias, da Pérsia e Turquestão. Para se despedir novamente de sua esposa ele volta para casa e encontra-a traindo-o com um de seus escravos. Acaba por matar os dois.

Ao ver seu irmão, decide não contar o motivo de estar tão triste e abalado. Seu irmão sai para caçar e ele não o acompanha. De repente, da janela de seu quarto vê sua cunhada

junto de escravos e escravas e percebe que a cunhada também trai o irmão com seus empregados.

Chahzaman decide contar para o irmão porque está tão triste e o que viu da janela. Os irmãos então decidem mentir que iram viajar, mas na verdade ficaram no reino para pegar a esposa traidora. Ficaram espionando a sultana e veem-na com os escravos de Chahriar.

Eles resolvem fazer uma viagem verdadeira, pois precisavam ver se em outros reinos existiam homens traídos como eles, pois se sentiam muito envergonhados diante das atitudes de suas esposas.

Depois de uma longa viagem, os dois sobem em uma árvore e observam um gênio sair do mar com um cofre, de onde sai uma mulher muito bonita. A moça vê os dois homens em cima da árvore e ordena que desçam e tenham relações com ela, senão acordaria o gênio que era enorme. Com medo, os dois reis praticam o ato e, em seguida, a mulher pega os anéis dos dois e os guarda em um lugar onde já tem muitos outros. Com isso, eles comprovam que ela traía o gênio com muitos homens. Pensam que as mulheres não têm valor, são traidoras e decidem voltar para o reino.

Assim que chegam, Chahriar manda matar sua esposa e os escravos. E, como forma de proteger-se da traição feminina, decide casar-se cada noite com uma mulher e assim que o dia clareasse, a mataria.

Com o tempo, as mulheres virgens ficam escassas e todos se apavoram com as atitudes do Califa. Então Scherezade, se apresenta para casar-se com ele. Após ter relações com o Califa, Scherezade começa a contar-lhe uma história. Ela inicia o conto e, assim que surge o dia, interrompe a narrativa e pede permissão para permanecer viva e poder contar o restante. Ele aceita o pedido, pois está muito envolvido com suas histórias. Isso acontece por mil e uma noites, até que ele decide desfazer o que prometera e faz com que Scherezade torne-se rainha de seu reino.

3 *TERRA SONÂMBULA*

Em Moçambique pós-independência, mergulhado em uma devastadora guerra civil, em meio a perigos e carências imensas, o menino Muidinga e seu protetor, o velho e alquebrado Tuahir, caminham a esmo, fugindo do morticínio insano causado pelas guerrilhas que lhes destruiu a base material da existência e sua teia de relações familiares e sociais. Encontrar os verdadeiros pais de Muidinga, que foi recolhido por Tuahir num campo de refugiados, é a justificativa da viagem. Mas, na verdade, os dois apenas procuram se manter vivos, tarefa que nem sempre parece possível.

Muidinga não se recorda de sua infância, não se recorda de nada. É como se sua vida começasse depois do encontro com Tuahir, que o recolheu quando este, à beira da morte, ia sendo enterrado. A doença deixou o menino sem memória e Tuahir “teve que lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar” (COUTO, 2007, p. 10).

Muidinga e Tuahir, fatigados de andar, encontram um Machimbombo³ incendiado. No interior, o veículo está cheio de corpos carbonizados; quando vão enterrá-los, o velho e o menino se surpreendem com um outro corpo estirado junto à estrada morto recentemente a tiros. Junto dele há uma mala, onde são encontrados os cadernos que contam a história de Kindzu, o morto em questão.

A partir daí, duas histórias são narradas paralelamente: a referida viagem de Tuahir e Muindinga e o percurso de Kindzu em busca dos naparamas⁴; seu encontro com Farida, mulher por quem se apaixona; a busca por Gaspar, filho de Farida.

A postura de Kindzu muda ao conhecer Farida e sua trajetória de vida. Farida mora em um navio abandonado, refugia-se de si mesma, de sua má sorte. Foi vítima da guerra e da hostilidade do português Romão Pinto, com quem teve um filho que não era seu, e que logo que tirado do ventre foi entregue para a Igreja “como se fosse encomenda de ninguém, um lapso da vida”.

E, após muitos desencontros, Kindzu conclui que encontrar Gaspar seria tarefa quase impossível: “voltava sem trazer Gaspar. Perdido estava o amor. Farida não aceitaria a minha falta de promessa”.

O mais magnífico na narrativa é o último capítulo do livro, o desfecho. No sonho de Kindzu, refletida numa visão cuja descrição finaliza o romance, a paz também foi resgatada, e com ela a possibilidade de as pessoas recuperarem a sua humanidade. Kindzu, finalmente um naparama, salva seu irmão Junhito, quando este é ameaçado pelas personagens que representam a corrupção, a violência, a extorsão, enfim, os que faziam a guerra. Kindzu deseja se “apagar, perder voz, desexistir” (COUTO, 2007, p. 240). O sonho é revelador, confuso... é presságio do fim. E o final é surpreendente, pois o leitor consegue perceber que Muidinga é Gaspar e que, no momento de sua morte, Kindzu finalmente iria ao encontro do pequeno, quando é acertado, e morto, não se sabe por quem. Um final suspenso, ou melhor, uma interpretação para cada leitor.

³ Ônibus.

⁴ Designação dos guerreiros tradicionais que usam apenas arco e flecha, e que se supõe estarem protegidos pelos feiticeiros contra a ação das balas.

3.1 O autor

Mia Couto, nascido António Emílio Leite Couto (Beira, 5 de Julho de 1955), é um biólogo e escritor moçambicano. Filho de portugueses que emigraram para Moçambique em meados do século XX, Mia nasceu e foi escolarizado na Beira. Com catorze anos de idade, teve alguns poemas publicados no jornal *Notícias da Beira* e três anos depois, em 1971, mudou-se para a cidade capital de Lourenço Marques (agora Maputo). Iniciou os estudos universitários em medicina, mas abandonou esta área no princípio do terceiro ano, passando a exercer a profissão de jornalista depois de 25 de Abril de 1974.⁵ Trabalhou na *Tribuna* até à destruição das suas instalações, em Setembro de 1975, por colonos que se opunham à independência. Foi nomeado diretor da Agência de Informação de Moçambique (AIM) e formou ligações de correspondentes entre as províncias moçambicanas durante o tempo da guerra de libertação. A seguir, trabalhou como diretor da revista *Tempo* até 1981 e continuou a carreira no jornal *Notícias* até 1985. Em 1983, publicou o seu primeiro livro de poesia, *Raiz de Orvalho*, que inclui poemas contra a propaganda marxista militante. Dois anos depois, demitiu-se da posição de diretor para continuar os estudos universitários na área de biologia.

Além de considerado um dos escritores mais importantes de Moçambique, é o escritor moçambicano mais traduzido. Em muitas das suas obras, Mia Couto tenta recriar a língua portuguesa com uma influência moçambicana, utilizando o léxico de várias regiões do país e produzindo um novo modelo de narrativa africana. *Terra Sonâmbula*, o seu primeiro romance, publicado em 1992, ganhou o Prémio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos em 1995 e foi considerado um dos doze melhores livros africanos do século XX por um júri criado pela Feira do Livro do Zimbabué. Em 2007, foi entrevistado pela revista *Isto É*. Foi fundador de uma empresa de estudos ambientais da qual é colaborador.

Mia Couto foi membro da Frelimo,⁶ mas não integra mais o partido. Durante a guerra pela libertação, deixou o curso de Medicina para infiltrar-se nos jornais coloniais e trabalhar a serviço de ideais da independência. No Brasil, teve dez títulos publicados. Durante as três últimas décadas, intensificou a dedicação à atividade de biólogo e pesquisador, criou e dirige uma empresa que faz estudos de impacto ambiental e leciona ecologia na maior universidade de Moçambique. Nesse ínterim, tornou-se um dos escritores de língua portuguesa mais traduzidos no mundo.

⁵ Data de início da Revolução dos Cravos.

⁶ Partido político oficialmente fundado em 25 de Junho de 1962 (como movimento nacionalista), com o objectivo de lutar pela independência de Moçambique do domínio colonial português.

3.2 O poder transformador da narrativa

O tema escolhido para este trabalho visa a mostrar que a narrativa tem como um dos papéis transformar o ser humano em um ser mais humanizado. Para estudar o tema, foram escolhidas as obras *Vozes do Deserto*, de Nélide Piñon, e *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, as duas obras enfatizando esse poder que a narrativa tem de transformar e humanizar as pessoas.

Podemos entender a narrativa como algo fundamental para compreensão de nós mesmos e dos outros. De uma maneira filosófica, vemos que certas ideias que eram mantidas como verdades absolutas passam pela consciência humana através da leitura e escuta de narrativas e se transformam. Assim, vamos formando nossa identidade a partir das histórias que lemos e das que nos são contadas; elas vão se modificando, ganhando nosso toque, auxiliando-nos a construir um sentido para a vida, para o mundo, a partir do nosso conhecimento já existente.

Larrosa (2003) mostra que, através das narrações, vamos nos construindo, pois o fato de narrarmos faz-nos pensar, criar, imaginar e o mesmo acontece quando ouvimos as narrações. Desse modo, ocorre a nossa formação enquanto leitores e também como seres humanos:

Por eso, a la pregunta de quién somos solo podemos responder contando alguna historia. Es al narrarnos a nosotros mismos en lo que nos pasa, al constriir el carácter (el personaje) que somos, que nos construimos como individuos particulares, como un quién. Por otra parte, sólo comprendemos quién es otra persona al comprender las naraciones de sí que Ella misma u otro nos hacen, o a narrar nos otros mismos alguna parte significativa de su historia (LARROSA, 2003, p.616).⁷

Em uma história, encontramos a linguagem já estruturada, com formas linguísticas e discursivas, mas mesmo assim podemos expressar nossa subjetividade. Ao ler, envolvemo-nos na história e com a linguagem utilizada pela pessoa que escreveu. E, quando entramos com nossa subjetividade, ao interpretarmos o texto vamos transformando nossa identidade com o conhecimento que vamos adquirindo durante a leitura. Assim, vemos que a história de nossa vida depende do conjunto de histórias que vamos ouvindo, lendo. Não devemos ver a narrativa como uma explosão de subjetividade e sim como algo que nos permita inferir e interferir, que nos possibilite posicionamento.

⁷ “Por isso, à pergunta de quem somos só podemos responder contando alguma história. É ao narrarmos nós mesmos com o que passamos, ao construir o caráter (o personagem) que somos, que nos construimos como indivíduos particulares, como um quem. Por outra parte, só compreendemos quem é outra pessoa ao compreender as narrações de si que ela mesma e os outros fazem, ou ao narrar nós mesmos alguma parte significativa de sua história” (LARROSA, 2003, pag. 616).

A construção de sentido para nossas vidas é um processo de ouvir e ler histórias, de contrapor histórias, viver como seres que interpretam e se interpretam. Desse modo, seguindo o pensamento de Larrosa (2003), podemos considerar que somos formados pela intertextualidade, nossa autointerpretação narrativa é um diálogo do eu sobre outras narrativas e também um diálogo entre textos. Assim, da mesma forma, o autor de algum livro pode construir textos a partir de outros textos.

É o caso de Nérida Piñon, na obra *Vozes do deserto*, que utiliza a história milenar, *As Mil e uma noites* como história exemplar, como o grande intertexto para o seu romance. A autora vale-se do conto-moldura que constitui a narrativa tradicional para compor o seu romance intertextual. A partir do conto e de muitos elementos da cultura árabe, a autora deu vida à personagem Scherezade que, com suas narrativas, foi capaz de mudar não só a atitude e a visão de mundo do Sultão, mas também o destino das mulheres e do reino. Essa narrativa vem mostrando, simbolizando, através dos séculos, o poder da narrativa. É nisso que a autora parece acreditar, que tudo possa ser melhorado com a leitura de narrativas, pois nesses momentos, nossas aflições vão diminuindo, até que começamos a imaginar, fantasiar e, quando vemos, já nem nos lembramos daquilo que nos intimidava.

Vimos que a narrativa amplia a vivência humana, na vida pessoal e nas relações sociais. As narrativas ficcionais apresentam uma visão sobre a vida e potencializam os horizontes do sujeito em relação a um processo humano, não desvalorizam aquele conhecimento já existente do indivíduo e sim acrescentam mais conhecimento.

A narrativa tem como função possibilitar a formação e a transformação do sujeito em alguém que analisa a si e o que acontece ao seu redor. Ao analisar a si próprio e ao restante do mundo, o sujeito passa por distintas experiências, pois a narrativa permite que ele se imagine, abre caminhos para entender outras coisas, possibilitando que tenha visões diferentes para aquilo que antes era tido como verdade absoluta.

É exatamente isso que os livros analisados nos apresentam, a transformação de indivíduos que não tinham muitas perspectivas; em *Vozes do deserto*, o Califa vivia amargurado após a traição de sua esposa. Até que surge a princesa narradora que, com o seu dom para contar histórias, envolve o rei e, com o tempo, faz com que ele se transforme em um ser melhor. Em *Terra sonâmbula*, Muindinga e Tuahir vivem em um país destruído com a guerra e é na leitura que conseguem pensar, sonhar e esquecer-se da situação em que estão.

Percebemos que os personagens passam por essa transformação na medida em que a leitura alivia as tensões, o frio e a fome. O velho Tuahir e o jovem Muindinga estão tentando sobreviver em um período muito difícil e os cadernos de Kindzu passa a encantá-los com as

suas histórias, que o jovem lê em voz alta uma vez que o velho não sabe ler. Estão sós, na paisagem desoladora e a leitura os consola:

Por cima da página, Muidinga espreita o velho. Ele está de olhos fechados, parece dormido. Fim ao cabo, tenho estado a ler apenas para minhas orelhas, pensa Muidinga. Também há já três noites que vou lendo, é natural o cansaço do velho, condescende Muidinga. Os cadernos de Kindzu se tinham tornado o único acontecer naquele abrigo. Procurar lenha, cozinhar as reservas da mala, carretar água: em tudo o rapaz se apressava. O tempo ele o queria apenas para mergulhar nas misteriosas folhas. O miúdo, em si, se intriga: quem seria o autor dos escritos? O homem de camisa sanguentada, estendido ao lado da mala, seria o tal Kindzu? (COUTO, 2007, p. 18).

Com as leituras, Muindinga passa a pensar em outras coisas, consegue imaginar, fantasiar: “Muidinga acorda com a primeira claridade. Durante a noite, seu sono se estremunhara. Os escritos de Kindzu lhe começam a ocupar a fantasia” (COUTO, 2007, p. 27).

Certo dia, Muindinga e Tuahir saem para procurar algum animal que pudesse servir de alimento para eles, não encontram nada, então o Muindinga sugere que voltem para a estrada, onde saíram.

- Qual é o problema Muidinga?
- Estou a pensar se nos perdemos...
- Se não voltarmos à estrada não perdemos nada.

Era verdade: que valores arrecadava o autocarro agora que as reservas de comida se esgotavam? Porém, para Muidinga, não regressar seria enorme desgosto. Ele se admira: o que o prendia àqueles destroços na estrada? Então, lhe veio a resposta clara: eram os cadernos de Kindzu, as estórias que ele vinha lendo cada noite. E sente saudade das linhas, tantas quantos os passos que agora desfia pelos atalhos (COUTO, 2007, p. 28).

Com o retorno, o jovem continua a ler os cadernos, o que lhe faz muito bem, mas o velho, no início, parece não dar muita importância para as leituras do jovem. Enquanto ele lê, parece que o velho não presta atenção, é como se preferisse não ouvir as histórias. Até que mais uma vez decidem sair em busca de alimentos e de um lugar melhor, os dois cansados decidem adormecer ali mesmo:

- O tempo passa, cai a noite. Os dois viajantes se deitam no relento. O velho não alcança o sono.
- Não dorme, tio?
 - Não. Desconsigo de dormir.
 - É por causa do homem do rio.
 - Nada. Nem lembro isso. É que sinto falta das estórias.
 - Quais estórias?
 - Essas que você lê nesses caderninhos. Esse fidamãe desse Kindzu já vive quase conosco.
 - Deixei os cadernos lá no machimbombo. Mas eu já li outro caderno, mais à frente. Lhe posso contar o que diz, quase sei tudo de cabeça, palavra por palavra.
 - Fala devagarinho para eu compreender. Se adormecer, não pára. Eu lhe ouço mesmo dormindo (COUTO, 2007, p. 52).

Assim, podemos perceber que Tuahir se rendeu ao encantamento que a narrativa proporciona aos seres humanos e mais uma vez, pede para Muindinga lhe narrar as histórias:

Tuahir havia entendido: os escritos de Kindzu traziam ao jovem uma memória emprestada sobre esses impossíveis dias. Ao menos ele acreditasse tudo aquilo ser fantasia, estoriazinha que se conta para fazer de conta.

- Sabe, miúdo, o que vamos fazer? Você me vai ler mais desses escritos.

- Mas ler agora, com esse escuro?

- Acendes o fogo lá fora.

- Mas, com a chuva, a lenha toda se molhou.

- Então vamos acender o fogo dentro do machimbombo. Juntamos coisa de arder lá mesmo.

- Podemos, tio? Não há problema?

- Problema é deixar este escuro entrar na cabeça da gente. Não podemos dançar nem rir. Então vamos para dentro desses cadernos. Lá podemos cantar, divertir (COUTO, 2007, p. 73).

Como se o velho sentisse que a morte dele se aproximava, entregou um amuleto para o jovem e pediu para que ele continuasse a ler:

O velho pede então que o miúdo dê voz aos cadernos. Dividissem aquele encanto como sempre repartiram a comida. Ainda bem você sabe ler, comenta o velho. Não fossem as leituras eles estariam condenados à solidão. Seus devaneios caminhavam agora pelas letrinhas daqueles escritos (COUTO, 2007, p. 81).

A narratividade é a possibilidade mais humana de interação, pois leva em conta o processo interpretativo, ou seja, a amplitude e a possibilidade de conseguir ter outras visões sobre uma situação: por se tratar de um mundo, o leitor pode entender cada personagem, o seu comportamento. Além disso, tem sempre a oportunidade de voltar ao texto, porque ele não muda. O que muda é a visão do leitor perante o texto.

Gomes (2000) estuda a narração de Scherezade como um método em que alguém está doente e outra pessoa lhe conta coisas que aliviam sua dor. Esse estudo também é válido para a obra *Terra sonambula*. Em *Vozes do deserto*, além de ser uma narradora corajosa, Scherezade possibilita ao Califa mexer com profundas emoções, em nível sobrenatural.

Conforme podemos constatar no romance de Nélide Piñon, a transformação do Califa é assim explicitada:

O Califa, por sua vez, preparando-se para proferir a sentença ao amanhecer, é prisioneiro do estado narrativo. Embora rejeite a dependência que tem da jovem, é tão intensa sua ânsia em ouvi-la que não se afasta do palácio nem mesmo quando forçado a inspecionar o reino[...]Prova de seu apego às palavras da contadora é haver-lhe surgido em torno dos olhos pigmentações escuras, indícios de prolongada fadiga[...]O Califa guarda silêncio, resguarda-se de expor diante da jovem a novidade dos seus sentimentos (PIÑON, 2006, p. 276).

Ainda em Gomes (2000), vemos uma discussão sobre a força transformadora da narrativa:

Onde reside a força transformadora de uma narrativa? No medo que nos causa? No encantamento? Uma boa narrativa faz rodopiar a mente, altera a posição relativa dos valores, dos objetos, da memória, das emoções. Tira-nos do eixo do cotidiano, do conhecimento e da mesmice que construímos, e dos quais ansiamos por escapar. Nem todas as narrativas, entretanto, têm o poder de arrastarmos para a voragem. Algumas, muito consumidas pelos leitores, apenas aprisionam melhor no conformismo. Outras, poucas, têm o dom de turbilhonar. Estas são as mais temidas, pois podem pôr a perder construções que, por mais precárias ou insatisfatórias que sejam, levaram anos para ser erguidas. Por isso nos amedrontamos frente ao perigo de sermos definitivamente vencidos pelo caos. São estas as mais fascinantes, porém, e quando nos damos conta já fomos seduzidos (GOMES, 2000, p. 35).

É exatamente isso que ocorre com o Sultão, ele teme a narrativa de Scherezade, pois sabe que esta tem o poder de transformar seus pensamentos. Estes que foram construídos durante muito tempo, como forma de se defender do sofrimento.

Em *Vozes do deserto*, podemos perceber que o Califa desiste de sua vingança. No momento em que vemos que com o encantamento das narrativas ele vai esquecendo-se de Sultana, sua traidora, tira essa obsessão da cabeça: “Como se havendo saciado a sede de vingança, o castigo impingindo às mulheres já não lhe traz o júbilo de antes. Assim, o fantasma da Sultana, que tanto o perseguira, dissolve-se na retina, quase sentindo falta da dor que ela lhe provocara no passado” (PIÑON, 2006, p. 327).

Em *Terra sonâmbula*, percebemos que a narrativa foi uma grande companheira de Muindinga e Thuair, com as leituras o tempo passava, eles se distraíam e conseguiam suportar a situação em que se encontravam. Assim, conseguiam imaginar e sonhar outras coisas, pensar que a vida poderia ser diferente.

Com base nos estudos realizados, temos a convicção de que a narrativa constitui uma forma de conhecimento de si e do mundo, é capaz de ampliar a experiência humana, propiciando novas vivências no âmbito da vida pessoal e das relações sociais e estímulo para que as pessoas se apaixonem, criem um imaginário e fantasiem.

REFERÊNCIAS

- BOOTH, W. *A retórica da ficção*. Tradução de Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.
- COUTO, M. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Tradução de Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1969.
- GALLAND, A. *As mil e uma noites*. Tradução de Alberto Diniz. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, 2 v.

GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOMES, P. B. *O método terapêutico de Scheerazade: mil e uma histórias de loucura, de desejo e cura*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

LARROSA, J. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. 2. ed. México: Fondo de cultura económica, 2003.

PIÑON, N. *Vozes do deserto*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

REIS, C. I. *A magia da narrativa: uma leitura de Vozes do deserto, de Nélida Piñon*. 2006. 115 f. Dissertação de Mestrado. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2006. Santa Cruz do Sul, 2006